

A representação das práticas da polícia brasileira na série *Fora de Controle*

The representation of the Brazilian police practices in the serie Fora de Controle

Anna Karolina Veiga SANTA HELENA¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação das práticas realizadas pela polícia brasileira, mais especificamente a carioca, na série *Fora de Controle*, exibida pela TV Record em maio se 2012. O programa tem como característica a temática policial, que tem espaço nas produções audiovisuais no Brasil desde os primórdios do cinema nacional. A partir da análise da série, fica claro que a polícia é representada como violenta e opressora, capaz de infringir a lei, se preciso for, para resolver crimes. Por outro lado, há, também, a figura do policial que age sempre dentro da legalidade e desaprova esses métodos, o que gera um conflito entre a equipe. Buscando-se estudos sobre a polícia carioca, é possível perceber, ainda, que muitas das práticas representadas pela série podem fazer parte também da rotina real de policiais do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Comunicação Social. Séries televisivas. Polícia.

Abstract

This paper has as objective analyse the representation of the practices performed by the Brazilian police, specifically the police of Rio de Janeiro, in the series *Fora de Controle*, displayed by Record TV in May 2012. The TV series has as characteristic the policial theme, which has place in audiovisual productions in Brazil since the begginings of the national cinema. Based on the series analysis, it becomes clear that the police is represented as violent and oppressive, being able to break the law if it's needed to solve crimes. On the other hand, there is also the figure of the cop who always acts legally and disaproves these methods, what creates a conflict among the team. Looking for studies about the police of Rio de Janeiro, it's also possible to realize that many of the represented practices on the series may be part of the real routine of cops of that city too.

Keywords: Social Communication. TV series. Police.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: annak.veiga@gmail.com.

Introdução

A temática policial é bastante frequente nas diversas áreas do entretenimento, como literatura, cinema, produções para televisão e até mesmo jogos de videogame. Quando se trata mais especificamente do audiovisual brasileiro, esse assunto não é recente, tendo sua origem já nos primórdios do cinema nacional. O filme *Os Estranguladores* (1908), de Francisco Marzullo e Antônio Leal, cuja história envolve crimes a serem solucionados pela polícia, foi o primeiro a ter esse tema.

Anos depois, em 1962, o filme *Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias, apresenta uma abordagem sociológica, narrando uma história baseada em um fato real, ocorrido em 1960 no Rio de Janeiro, quando uma quadrilha comandada por Tião Medonho (composta principalmente por moradores de favelas) assalta o trem pagador. A partir de então, muitos outros filmes poderiam ser citados como sendo policiais, até se chegar aos anos de 2007 com *Tropa de Elite*, e de 2010, com *Tropa de Elite 2*, de José Padilha. Os filmes narram a rotina de policiais militares no Rio de Janeiro e denunciam práticas ilegais cometidas por estes, como a tortura e o homicídios de criminosos e suspeitos.

Em relação à produção para televisão, a temática policial começa a ganhar espaço na década de 1960, quando aumenta o número de gêneros narrativos produzidos e exibidos pelas emissoras. Exemplo disso é *22-2000 Cidade Aberta*², a primeira série policial da TV Globo. O programa mostrava dois jornalistas do jornal O Globo investigando crimes e foi exibido às 22h de domingo entre 27/04/1965 e 28/08/1966, contando com 30 episódios. Entre 1979 e 1981, a mesma emissora transmitiu *Plantão de Polícia*, que também se passava na redação de um jornal - desta vez o *Folha Popular*.

Mais recentemente, canais de televisão fechada também passaram a produzir séries nacionais, e, entre as de temática policial, estão *Mandrake* (2005, produzida pela HBO e pela Conspiração Filmes, exibida pela HBO), que conta a história de um advogado especializado em casos de chantagem e extorsão; e *9mm: São Paulo* (2008, produzida pela FOX em parceria com a Moonshot Pictures, exibida pela FOX), inspirada livremente em casos policiais.

² O título da série fazia referência ao número do telefone do jornal O Globo na época.

Emissoras abertas também continuaram produzindo séries policiais. A TV Globo, entre 2009 e 2011, transmitiu três temporadas de *Força Tarefa*, que mostra uma equipe de sete policiais da Corregedoria da Polícia Militar do Rio de Janeiro em busca de provas para prender os criminosos - que, neste caso, estão dentro da própria corporação. Já em 2012, a Record exibiu *Fora de Controle*, produzida pela Gullane Filmes em coprodução com a Grifa Filmes, que contou com quatro episódios, nos quais uma equipe da Polícia Civil se envolve na solução de crimes na capital carioca.

Visto que essa temática tem espaço garantido nas produções audiovisuais para televisão brasileira, considera-se importante analisar de que forma elas representam os policiais e as práticas utilizadas por eles para a solução de crimes. Este trabalho tem como recorte a série *Fora de Controle*, por se tratar de uma produção recente e que mostra a rotina de uma equipe em uma delegacia carioca, utilizando métodos nem sempre previstos pela lei durante os processos de investigação.

A série *Fora de Controle*

Fora de Controle é uma série policial coproduzida por Gullane Filmes, Grifa Filmes e TV Record, dirigida por Johnny Araújo e Daniel Rezende. Contou com quatro episódios de cerca de 45 minutos, exibidos de 08/05/2012 a 24/05/2012 pela TV Record. A narrativa se passa na 15ª Delegacia de Polícia da cidade do Rio de Janeiro, onde o delegado Jorge Medeiros (Milhem Cortaz) e os inspetores Clarice Queiroz (Rafaela Mandelli) e Gaspar Brandão (Cláudio Gabriel) trabalham para tentar solucionar crimes ocorridos na região.

Cada episódio apresenta uma história com começo, meio e fim, sempre marcada por uma ação criminosa que precisa ser investigada pelos personagens principais. No primeiro episódio, o crime a ser solucionado é a morte de uma menina, cujo corpo é encontrado no mar; no segundo, o delegado e os inspetores tentam compreender um acidente de carro que acabou matando o motorista e descobrem que pode haver um responsável pelo fato; o terceiro tem como história central o suposto suicídio de uma famosa cantora lírica carioca que, na verdade, trava-se de um homicídio; e o último episódio mostra o trabalho de Medeiros, Clarice e Brandão para encontrar os responsáveis por um assalto à mansão da mãe de um deputado.

A série ia ao ar nas terças-feiras, às 23h15. O programa contava com um site³ no portal da Record, onde era oferecido ao público vídeos com trechos e *making of* dos episódios, enquetes, testes, papéis de parede da série para download, além de outros conteúdos sobre os atores e personagens. A série ainda contava com uma conta no Twitter⁴ e uma página no Facebook⁵. Com todo esse investimento e preocupação em promover o programa, era esperada uma segunda temporada - que, inclusive, chegou a ser cogitada. O próprio fim do último episódio deixa margem para uma continuação. Entretanto, ao contrário do que se esperava, *Fora de Controle* foi arquivada. Segundo a emissora, o motivo foi a possível procura por produtos mais populares.

Além da história principal de cada episódio, há um dilema ético e moral que perpassa toda a série, que se refere às posturas opostas assumidas por Medeiros e Clarice. Enquanto o delegado tem seu próprio método para desvendar os crimes e encontrar os culpados, fazendo uso, muitas vezes, de práticas ilegais, como a tortura, a inspetora prega que as investigações devem ser feitas sempre dentro da legalidade. Medeiros faz o possível para esconder da colega as evidências de suas atitudes questionáveis e defende que, se não procedesse dessa maneira, não conseguiria resolver todos os crimes. Mesmo assim, Clarice acaba conseguindo provas da conduta do delegado e, no último episódio, revela que o denunciou à Corregedoria.

Os "métodos" utilizados por Medeiros trazem à memória outra produção que também debateu as práticas empregadas pela polícia do Rio de Janeiro: os filmes *Tropa de Elite 1* e *2*. Muito embora estes se detenham mais especificamente nas ações do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e dos outros integrantes da Polícia Militar (dando destaque, também, para aqueles envolvidos com milícias) e *Fora de Controle* apresente a rotina de policiais civis, é possível encontrar semelhanças nas atitudes dos personagens - principalmente quando se compara o capitão Nascimento e o delegado Medeiros.

Em *Tropa de Elite 1*, Nascimento aparece diversas vezes comandando incursões a favelas cariocas, na busca por criminosos. Para encontrar o paradeiro dos procurados, o personagem não hesita em realizar interrogatórios bastante violentos e ofensivos a pessoas (sejam elas suspeitas ou não), muitas vezes torturando-as com agressões físicas

³ <http://entretenimento.r7.com/fora-de-controle/>.

⁴ <https://twitter.com/ForaRec>.

⁵ <https://www.facebook.com/pages/Fora-de-Controle/106543149383530?fref=ts>.

e psicológicas. Essas atitudes do personagem acabaram gerando algumas críticas negativas ao filme, que foi acusado de fazer apologia à violência e de ser fascista. Em uma resenha publicada na revista norteamericana *Variety*, após a exibição do longa no Festival de Berlim, o crítico Jay Weissberg considerou que este celebra a violência gratuita e que funciona como recrutamento de seguidores fascistas (WEISSBERG, 2011).

Embora *Fora de Controle* não tenha gerado uma repercussão tão grande como a de *Tropa de Elite*, a partir dos comentários feitos nas redes sociais da série é possível perceber que grande parte dos espectadores - ou pelo menos daqueles que comentavam os episódios no Twitter e no Facebook - apoiavam a postura do delegado Medeiros. Frases como "Muito bom o delegado Medeiros", "Esse delegado Medeiros é o cara", "to com o Medeiros!", considerando o personagem um ídolo e dizendo que se ele fizesse tudo "certinho" nunca pegaria os bandidos comprovam essa hipótese.

É visível uma possível "herança" de *Tropa de Elite* em *Fora de Controle*, mas, mais do que isso, é visível uma representação das práticas policiais, em ambas as obras, que desrespeitam a lei, julgando e punindo suspeitos - funções que não são suas, mas sim da Justiça. Entretanto, muitas vezes aquilo que é mostrado como ficção pode ter algumas semelhanças com a realidade.

Possíveis origens de uma postura violenta da polícia

Por mais que o personagem de Medeiros possa ser considerado uma caricatura exagerada de delegados de polícia, é possível encontrar fundamento nessa representação em estudos feitos sobre a polícia do Rio de Janeiro. De forma ainda mais geral, é sabido que a polícia brasileira é uma das que mais mata mundo. A Anistia Nacional divulgou uma pesquisa realizada em 2011 dizendo que:

[...] nos vinte países que ainda mantêm a pena de morte, em todo o planeta, foram executadas 676 pessoas, sem contabilizar as penas capitais infligidas na china, que se nega a fornecer os dados. No mesmo período, somente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo produziram 961 mortes a partir de ações policiais, totalizando um número 42,16% maior do que de vítimas da pena de morte em todos os países pesquisados [...]. (ZACCONE, 2015, p. 21).

A origem dessa característica violenta da polícia pode estar em um período bastante antigo. Conforme explica Lima (1995), em um primeiro momento, o processo penal brasileiro foi regido por legislações portuguesas, que - por serem baseadas na inquisição - tinham a tortura como um método legítimo de obtenção de provas. Zaccone (2015) busca referências nos processos de pacificação da época da Regência, no século XIX, quando o Brasil passou por revoltas populares, como a Balaiada, no Maranhão, e a de Canudos, na Bahia, que deixaram milhares de mortos. Conforme o autor, havia, nesse período, uma insegurança econômica e um medo que a população - principalmente a de marginalizados - se revoltasse. A figura de destaque dessas ações de repressão militar é a de Luís Araújo Lima, o Duque de Caxias: "De tenente-coronel a Barão e Caxias, o Pacificador é o símbolo do pacto conciliatório, que inclui a demanda por ordem e norteará a atuação militar repressiva na construção, identificação e extermínio dos inimigos que ameaçam esta mesma ordem." (ZACCONE, 2015, p. 216).

Essa postura repressora e controladora da polícia é mantida, apesar das modernizações pela qual a sociedade brasileira tem passado. As intervenções militares, até 1964, tinham como objetivo restabelecer a ordem e devolver os governos aos políticos. A partir do golpe militar, entretanto, essa pacificação torna-se permanente, e as Forças Armadas continuam no governo por 21 anos, sem retornar aos quartéis.

A Constituição de 1988, conhecida como "Constituição Cidadã", acaba por consagrar a militarização da segurança pública no artigo 142, entregando a missão de garantir a lei e a ordem às Forças Armadas. Uma mudança relevante feita por essa Constituição foi a retirada de algumas funções da Polícia Civil, como o patrulhamento das ruas e dos trânsitos, que passa a ser realizado pela Polícia Militar.

Esses acontecimentos históricos podem ser alguns dos motivos pela postura adotada por parte dos integrantes da polícia brasileira, seja ela Civil ou Militar. Para além disso, "É preciso salientar também que, se de um lado, as instituições policiais são apontadas por fazer uso da violência física, de outro lado, o treinamento dos policiais também é algo que viola os direitos humanos, impondo a humilhação e a perversidade." (MARQUES, 2010, p. 53). Segundo a autora, o estresse psicológico a que eles são submetidos acaba por deixá-los com raiva do "inimigo" que deve ser combatido.

Práticas policiais representadas em *Fora de Controle*

Durante os quatro episódios da série *Fora de Controle*, Medeiros toma diversas atitudes que não são permitidas a ele enquanto delegado - e algumas outras que não seriam permitidas a ninguém. A fim de solucionar crimes de maneira rápida e eficiente, o delegado acaba se utilizando de ameaças, torturas e até mesmo chantagens. Seu colega Brandão não parece se importar com essa postura e muitas vezes participa dessas ações juntamente com Medeiros. Clarice, por sua vez, deixa claro que é contra esses métodos, chegando, ao fim da temporada, a denunciar o delegado para a Corregedoria de Polícia. O espectador não fica sabendo do destino de Medeiros, pois a temporada termina quando ele descobre sobre a denúncia da inspetora.

Logo no primeiro episódio, é possível perceber uma característica violenta da polícia. Ao investigarem a morte da menina Tamires, os personagens descobrem que ela foi vista por uma amiga pela última vez com um ex-namorado, Gabriel. Medeiros e Brandão vão ao encontro do rapaz na faculdade onde estuda. Ele diz que nunca namorou Tamires, que não tem nada a ver com a história e não via a menina há dois meses. Diante da resistência de Gabriel, Brandão o revista no pátio da faculdade, diante do olhar de algumas pessoas que estavam no local. Os policiais encontram maconha com ele e Medeiros o chama de "traficantezinho de merda". Gabriel diz que é só usuário e que saiu com Tamires de uma festa na noite anterior, mas que ela queria ficar sozinha e ele a deixou em casa. Medeiros e Brandão seguem interrogando Gabriel, que diz ser melhor ir para a delegacia. Os policiais concordam e o levam para a viatura, falando para as pessoas que assistiam a cena que ele era um traficante.

Na sala de interrogatório da delegacia, Medeiros faz perguntas a Gabriel com uma arma em cima da mesa, apontando para o rapaz. Como o jovem segue dizendo que não tem informações sobre a vítima, o delegado fala agressivamente com ele, o agride, segura seus cabelos e ainda o sufoca. Clarice alerta Medeiros de que ele está cometendo abuso de autoridade "como sempre", e ele diz que só irá soltar Gabriel após ele falar tudo o que sabe. Esse é o primeiro momento da série em que há uma clara diferença de pensamento entre o delegado e a inspetora em relação a quais métodos seriam ou não

válidos para se resolver os crimes. Por fim, fica provado que, de fato, Gabriel não tinha nenhum envolvimento com a morte de Tamires, e ele acaba sendo liberado.

No segundo episódio, a postura opressora de Medeiros volta a aparecer. Ao investigar a morte de um jovem, supostamente causada por um acidente de carro, e o assassinato de sua ex-namorada, o delegado procura Bernardo, dono da boate que era frequentada pelas vítimas. Medeiros descobre que ele possui uma fábrica de bebidas falsas e, por suspeitar que ele esteja envolvido nas mortes, vai ao local interrogá-lo e ameaçá-lo. Bernardo diz ter álibis que provam que ele não tem relação com os crimes. Irritado, Medeiros dá um tapa na cabeça dele e pede para que diga a verdade, perguntando se ele contratou alguém. Bernardo diz que não vai falar mais nada sem seu advogado. O delegado o agride e o afoga em um tonel com bebida, dizendo para que ele fale o que sabe. Bernardo diz não saber de nada e Medeiros o afoga novamente. Ele ainda obriga o suspeito a beber uma jarra com a bebida do tonel e diz para que ele vá à delegacia no outro dia.

Os álibis de Bernardo são confirmados e Medeiros, em vez de fazer com que ele responda pela falsificação de bebidas, simplesmente pede para que pague uma multa para si, em dinheiro e ainda naquele dia. O delegado ainda ameaça o dono da boate, dizendo que, se algum amigo seu for ao local e passar mal em função da bebida, ele irá retornar ao local para "acertar as contas". Nesse momento, mais uma prática ilegal é denunciada pela série, através da corrupção. Medeiros deixa de denunciar um crime, desde que, com isso, consiga alguns benefícios.

A partir do terceiro episódio, *Fora de Controle* passa a problematizar ainda uma outra questão - além da tortura e corrupção, que seguem sendo presentes nas atitudes de Medeiros. Ao tentarem encontrar os culpados pelo homicídio de uma cantora lírica do Rio de Janeiro - que, inicialmente, acreditava-se tratar de um suicídio -, o delegado suspeita que bandidos vindos das favelas da região tenham algum envolvimento. Quando Brandão comenta que nesse tipo de crime "o marido é sempre o primeiro suspeito", Medeiros responde dizendo que "O figurão pode ter até o rabo preso, mas o crime foi cometido por um vagabundo, pé de chinelo, ignorante. Deve ser algum vagabundo lá da favela." O inspetor, então, é encarregado de tentar descobrir algo com um informante que os policiais têm na favela, mas este revela que não sabe de nada.

Como as investigações seguem e o culpado não é encontrado, Medeiros vai pessoalmente até o morro e conversa com Calota, chefe do tráfico do local, com quem é possível perceber que mantém uma relação de favores; Calota o ajuda nas investigações, quando os suspeitos são moradores da favela, em troca da segurança e do silêncio do delegado. O traficante acaba por descobrir pistas que ajudam os policiais a desvendarem o crime.

A questão da favela, então, passa a estar presente na série, juntamente com o fato de haver essa relação entre polícia e bandido, mantida desde que a ajuda seja recíproca, pois facilita o "serviço" dos dois lados.

Ao fim desse episódio, o delegado descobre que quem matou a cantora foi o secretário da Saúde do Rio de Janeiro, com quem a moça tinha um caso. Ele ainda desviava altos valores da Secretaria para o marido dela, que possui um laboratório farmacêutico e é homossexual, por isso mantinha um casamento de fachada. Como dois sujeitos envolvidos com o crime já haviam sido mortos durante as investigações, Medeiros propõe um acordo para o secretário e o viúvo: que todo o dinheiro desviado seja doado a uma entidade filantrópica que ele irá escolher e que o secretário renuncie ao cargo. Se eles cumprissem com isso, o delegado diria que os homens que haviam sido mortos haviam cometido o crime por conta própria e que não havia mandantes.

Dessa forma, Medeiros novamente utiliza seus métodos para concluir a investigação. Entretanto, ele ainda acaba por ganhar créditos quando pede que o dinheiro roubado seja doado a uma instituição, revelando um lado seu mais "humano", que ainda não havia aparecido - o que pode justificar, em partes, os comentários de espectadores exaltando a postura do delegado.

Por fim, o último episódio segue na linha do terceiro, evidenciando a relação complexa entre morro e asfalto, e culmina com o ápice da discordância entre Medeiros e Clarice. Enquanto a mansão da mãe de um deputado é assaltada durante uma festa de despedida que acontecia no local, Medeiros comemora um relatório que mostra que as estatísticas de todos os delitos da área de sua delegacia foram reduzidas. Ironicamente, ele diz que, se quiser, Clarice pode revisar tudo, já que ela gosta de reivindicar seu trabalho. A inspetora diz que não questiona os resultados, mas sim os métodos que ele utiliza. O delegado se justifica, dizendo que o que a sociedade cobra é eficácia.

Quando os policiais ficam sabendo do assalto, precisam se deslocar imediatamente para a mansão, pois o chefe de polícia quer resultados rápidos, uma vez que a vítima se trata da mãe de uma figura conhecida. Enquanto os três analisam o local, as mulheres que estavam presentes na festa contam o que aconteceu, demonstrando muita raiva e desprezo pelos assaltantes. Medeiros logo suspeita de um empregado da casa, que é o único que trabalha com a família a pouco tempo. Agressivamente, ele faz perguntas ao homem, que diz não estar envolvido com o crime.

Enquanto Medeiros e Brandão vão até a favela conversar com o chefe de tráfico e tentar descobrir algo, Clarice leva as vítimas do assalto para a delegacia para fazerem os retratos falados. Quando Medeiros retorna, a inspetora diz que uma das mulheres "falou tanta barbaridade que nem percebeu que estava sendo mais sanguinária que os bandidos". Ao ouvir esse comentário, Medeiros ri e diz que "Esse é o povo brasileiro, Clarice. Raça ruim, de bárbaro. E dizem que a polícia que é violenta. Mas é o caráter nacional." Com essa fala, o delegado parece justificar sua postura, pois, aparentemente, a população faria o mesmo ou até pior se tivesse a oportunidade.

O delegado reforça ainda mais sua opinião quando Calota envia um carro com três homens amarrados e muito machucados, considerados possíveis responsáveis pelo assalto, a um local e avisa Medeiros. Entretanto, Clarice acaba encontrando o carro primeiro e levando os homens à delegacia. Nenhum deles é reconhecido pelas vítimas, mas todos já tinham passagem pela polícia - o que fez com que Medeiros considerasse uma "boa colheita". Clarice diz que tem certeza de que o delegado está envolvido nisso e diz que ele não tem noção do que está fazendo. Ele diz que aquilo foi feito pela população, que cidadãos de bem entregaram aqueles marginais, pois estão cansados e indignados com a violência. A inspetora diz que não consegue trabalhar assim, e Medeiros fala para que ela entregue resultados, "com seus métodos, suas teorias ortodoxas. Eu quero ver esse telefone tocar e se for o velho [o chefe de polícia] você dizer 'eu não tenho indícios'. Quero ver quanto tempo você dura aqui dentro. Nessa cadeira, nessa delegacia. Tô de saco cheio do seu discurso. Como se não bastasse tudo isso, ainda tem essa velharada nazista querendo matar tudo quanto é pobre, você me vem com esse seu papinho legalista?".

A polícia segue a investigação e acaba por encontrar os bandidos - que não tinham nenhuma relação com o empregado do qual Medeiros desconfiava. Em um

tiroteio, o delegado e Brandão acabam matando todos os assaltantes, sendo um deles à queima roupa. Entretanto, eles forjam a cena do crime, fazendo com que parecesse que foram os próprios criminosos que se mataram entre si.

Quando Medeiros volta à delegacia, Clarice diz que um dos homens que estavam no carro enviado por Calota confessou que havia um boato de que o traficante havia algum tipo de relação com o delegado. Ela diz que não queria acreditar em muitas coisas, mas que dessa vez ele se excedeu e, por isso, decidiu denunciá-lo para a Corregedoria de Polícia, pois ela não conseguia mais viver desse jeito; tinha entrado para a polícia para fazer justiça. Medeiros diz que ele também, mas que ele não atua na polícia inglesa, e sim na brasileira. A inspetora conclui dizendo que ele vai poder explicar isso para a Corregedoria, e que talvez o País esteja precisando mesmo dessa discussão.

Com esse fim, parece mesmo que *Fora de Controle* quis propôr uma reflexão sobre a questão da segurança pública e das práticas utilizadas pela polícia para encontrar e punir criminosos. Durante toda a série, a divergência de opinião entre Clarice e Medeiros é presente, mas o tema só foi realmente problematizado nos dois últimos episódios. No próprio site criado para o programa, há um mural onde uma das perguntas é "Abuso de autoridade, mas sempre uma solução! Você concorda com a conduta do Medeiros?"⁶. Entretanto, como a série não teve continuidade, não se sabe qual método venceu a batalha, a de Clarice ou a do delegado.

Considerações finais

A série *Fora de Controle* faz uma representação da polícia brasileira que parece se aproximar com o que se vê fora da ficção: uma instituição, em partes, violenta e opressora, que por vezes assume funções de julgamento e punição - que não são suas -, na tentativa de livrar os considerados "cidadãos de bem" da bandidagem. O fato é que a série foca muito mais no lado negativo da polícia - talvez porque esse seja justamente o mais visível, também, na realidade.

⁶ Apesar de o site ainda estar disponível, a maioria dos links não leva a nenhuma outra página e, por isso, não é possível ler os comentários desse mural.

Uma atitude demonstrada várias vezes ao longo da série é a de se encontrar suspeitos e, mesmo sem provas, tratá-los como criminosos. Pode-se perceber isso quando os policiais vão atrás de Gabriel, no primeiro episódio, ou de Bernardo, no segundo. Por acreditar que eles podem ter alguma ligação com os crimes, Medeiros os ameaça e trata com muita agressividade na tentativa de se obter uma confissão ou, ao menos, informações sobre os casos. A partir do que diz Lima (1995) é possível inferir que esse método é utilizado, de fato, pela polícia carioca. Segundo o autor, a "[...] técnica de investigação, ao invés de primeiro descobrir os fatos e depois acusar o suspeito, primeiro descobre o suspeito e dele então, extrai os fatos." (LIMA, 1995, p. 78). Cabe ressaltar que, nos dois casos citados, os primeiros suspeitos dos policiais não eram os responsáveis pelos crimes.

Afim de se obter confissões ou, pelo menos, informações sobre os casos, os personagens da série realizam muitas sessões de interrogatório, das quais a tortura faz parte frequentemente - outra prática que parece ser presente nas delegacias reais, e que pode ter uma explicação (mas não justificativa) bastante plausível. Lima (1995) destaca que, devido às atividades de vigilância de responsabilidade da polícia - quando esta vigia a população e, a partir de estereótipos, define com qual cidadão a lei será ou não cumprida -, estabelece-se uma relação ruim entre policiais e a população em geral. Isso acaba dificultando a colaboração de testemunhas em crimes e a obtenção de outros indícios. Em função disso, a polícia utiliza a confissão de criminosos como base de suas investigações.

No meu entender, a relevância atribuída à confissão na ação penal brasileira traz conseqüências muito importantes para a prática dos inquéritos policiais. A necessidade de descobrir a verdade através da confissão torna-se responsável pelo uso socialmente legitimado da tortura como técnica de investigação. (LIMA, 1995, p. 84).

O autor ainda diz que essa prática é tão comum na rotina da polícia que, quando é proibida, é muito provável que a investigação fracasse. Isso pode ser visto em *Fora de Controle* quando Medeiros diz para que Clarice consiga resultados dentro da legalidade e questiona quanto tempo a inspetora conseguiria se manter como delegada dessa forma, sem conseguir solucionar os crimes.

Por fim, há ainda a questão dos "favelados", que, como diz Medeiros, "atrapalham" seu serviço. O conflito entre traficantes e policiais, conhecido

popularmente como "guerra do tráfico" já é algo em evidência e que dispensa grandes explicações. Entretanto, pode-se presumir que há um preconceito sofrido pelos moradores de favela, muitas vezes considerados criminosos simplesmente por morarem onde moram. Esse preconceito também aparece presente dentro da polícia na série, quando Medeiros diz, no terceiro episódio, que o responsável pelo assassinato da cantora lírica deve ser um "pé de chinelo favelado", ou quando sobe ao morro nos dois últimos episódios para tentar encontrar suspeitos dos crimes e, quando os encontra, mesmo sem saber se são culpados ou não, tratam-nos com agressividade - e, há de se destacar aqui que, mesmo que sejam culpados, não há o que justifique esse tipo de tratamento, e que a polícia não tem, ou pelo menos não deveria ter, autoridade para julgar nem punir ninguém.

Esse comportamento demonstrado na série é visível diariamente nos noticiários pode ser compreendido a partir dessa "[...] política de 'guerra' às drogas e 'combate' à criminalidade [...]" (ZACCONE, 2015, p. 264) que acaba legitimando o extermínio do inimigo - no caso, o criminoso. E é verdade quando Medeiros diz que a sociedade cobra eficácia, que as pessoas estão cansadas e insatisfeitas com a situação da violência urbana. Por isso capitão Nascimento foi considerado um herói. Por isso Medeiros foi exaltado nas redes sociais. Mas a polícia é uma instituição do Estado e deve agir como tal; não pode ser levada pela emoção e pela sede de justiça.

Por fim, durante toda a série, Clarice se mostra presente, lembrando que ainda há policiais que buscam resolver conflitos dentro da legalidade, fazendo um contraponto em relação ao delegado. Entretanto, a inspetora, apesar de ter importante papel na solução de alguns casos, é tratada por Medeiros como figurante, e acaba ficando sempre em segundo plano. Talvez isso aconteça fora da ficção, também.

Fora de Controle faz uma representação, como já dito anteriormente, caricata das delegacias cariocas e de seus policiais. Apela muito mais para o lado violento e sem escrúpulos da polícia, representando, na maior parte do tempo, as ações ilegais cometidas por Medeiros. Mesmo assim, não pode ser considerada absurda, e faz um apelo final para que essas questões sejam discutidas. Infelizmente, não gerou tantos posicionamentos, como o que aconteceu com *Tropa de Elite*. Como não houve a segunda temporada, não se sabe que fim teve o delegado Medeiros, nem quanto tempo

Clarice conseguiu se manter na delegacia seguindo a lei. Mas foi oferecido o benefício da dúvida e a possibilidade de um debate.

Referências

ALMEIDA, Marco Antônio de. O cinema policial no Brasil: entre o entretenimento e a crítica social. **Especiaria**: Caderno de Ciências Humanas, Bahia, v. 10, n. 17, p. 137-173, jan./jun. 2007. Disponível em:

<http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco_antonio.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2015.

CINEMATECA brasileira. Disponível em: <<http://www.cinemateca.gov.br/>>. Acesso em: 2. dez. 2015.

FORA de Controle. 2015. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/fora-de-controle/>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

FOXPLAY. **9mm**. 2015. Disponível em: <<http://www.foxplaybrasil.com.br/show/7267-9mm>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

HBOMAX. **Mandrake**. 2015. Disponível em: <<http://www.hbomax.tv/mandrake-1/>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

LIMA, Roberto Kant de. **A Polícia da Cidade do Rio de Janeiro: Seus Dilemas e Paradoxos**. 2. e.d. Rio de Janeiro: Forense, 1995. 164 p.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; ROCHA, Simone Maria. Representações fílmicas de uma instituição policial violenta: resquícios da ditadura militar em Tropa de Elite. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 49-58, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco_antonio.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MEMÓRIA Globo. **22-2000 Cidade Aberta**. 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/22-2000-cidade-aberta/trama-principal.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MEMÓRIA Globo. **22-2000 Cidade Aberta: Curiosidades**. 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/22-2000-cidade-aberta/curiosidades.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MEMÓRIA Globo. **Força Tarefa: Formato**. 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/forca-tarefa/formato.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MEMÓRIA Globo. **Plantão de Polícia: Formato**. 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/plantao-de-policia/formato.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

TROPA de Elite. Direção: José Padilha. Produção: Marcos Prado e José Padilha. Intérpretes: Wagner Moura; André Ramiro; Caio Junqueira; Maria Ribeiro; Fernanda Machado; Milhem Cortaz; Fábio Lago; Fernanda de Freitas; Paulo Vilela; Marcelo Valle; Marcello Escorel; André Mauro; André Santinho e outros. Roteiro: José Padilha, Rodrigo Pimentel e Bráulio Mantovani. Música: Pedro Bromfman. Brasil, 2007. 1 DVD (116 min).

TROPA de Elite 2. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Intérpretes: Wagner Moura; Iranthir Santos; André Ramiro; Pedro Van-Held; Maria Ribeiro; Sandro Rocha; Milhem Cortaz; Tainá Müller; Seu Jorge; André Mattos; Fabrício Boliveira; Jovem Cerebral e outros. Roteiro: José Padilha e Bráulio Mantovani. Música: Pedro Bomfman. Brasil, 2010. 1 DVD (115 min).

VIVAQUA, Arthur. Record arquiva "Fora de Controle"; Seriado não terá nova temporada. **Rd1**, 15 jan. 2013. Disponível em: <<http://rd1.ig.com.br/record-arquiva-fora-de-controle-seriado-nao-tera-nova-temporada/>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

WEISSBERG, Jay. Review: The Elite Squad. **Variety**, Nova Iorque, 11 fev. 2011. Disponível em < <http://variety.com/2008/film/reviews/the-elite-squad-1200548140/>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

ZACCONE, Orlando. **Indignos de vida**: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2015. 280 p.